

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

ALPR e ALPR II: dois momentos da Dialetologia brasileira

Fabiane Altino

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.14274>

Submetido em: 2025-11-24

Postado em: 2026-05-06 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

A moderação deste preprint recebeu o(s) endosso(s) de:

- Vanderci de Aguilera (ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3052-3710>)

ALPR e ALPR II: dois momentos da Dialectologia brasileira

ALPR and ALPR II: two moments in Brazilian Dialectology

ALPR y ALPR II: dos momentos de la dialectología brasileña

ALTINO, Fabiane Cristina – Universidade Estadual de Londrina <https://orcid.org/0000-0002-5987-2028>

Resumo: O presente artigo discute o Atlas Linguístico do Paraná – ALPR (Aguilera, 1994) e o Atlas Linguístico do Paraná II - ALPR II (Altino, 2007) como dois momentos complementares da Dialectologia brasileira. A partir das obras, o texto examina as metodologias empregadas, as mudanças teórico-metodológicas entre os dois volumes e a incorporação da Dialectometria como instrumento quantitativo de análise linguística. Analisa-se ainda o movimento de modernização e digitalização do acervo, bem como a relevância dessas iniciativas no panorama da Geolinguística nacional, particularmente no contexto do Projeto Atlas Linguístico do Brasil - ALiB. O estudo evidencia a continuidade científica entre as duas fases do atlas do Paraná e sua contribuição para o fortalecimento da escola dialectológica brasileira.

Palavras-chave: Dialectologia; Geolinguística; Dialectometria; Atlas Linguístico do Paraná.

Abstract: This article discusses the Linguistic Atlas of Paraná – ALPR (Aguilera, 1994) and the Linguistic Atlas of Paraná II – ALPR II (Altino, 2007) as two complementary moments in Brazilian Dialectology. Based on these works, the text examines the methodologies employed, the theoretical and methodological changes between the two volumes, and the incorporation of Dialectometry as a quantitative instrument of linguistic analysis. It also analyzes the modernization and digitization of the collection, as well as the relevance of these initiatives in the panorama of national Geolinguistics, particularly in the context of the Linguistic Atlas of Brazil Project – ALiB. The study highlights the scientific continuity between the two phases of the Paraná atlas and its contribution to the strengthening of the Brazilian dialectological school.

Keywords: Dialectology; Geolinguistics; Dialectometry; Linguistic Atlas of Paraná.

Resumen: Este artículo analiza el Atlas Lingüístico de Paraná – ALPR (Aguilera, 1994) y el Atlas Lingüístico de Paraná II – ALPR II (Altino, 2007) como dos momentos complementarios de la dialectología brasileña. A partir de estos trabajos, el texto examina las metodologías empleadas, los cambios teóricos y metodológicos entre ambos volúmenes y la incorporación de la dialectometría como instrumento cuantitativo de análisis lingüístico. También analiza la modernización y digitalización de la colección, así como la relevancia de estas iniciativas en el panorama de la geolingüística nacional, en particular en el contexto del Proyecto Atlas Lingüístico de Brasil – ALiB. El estudio destaca la continuidad científica entre las dos fases del atlas de Paraná y su contribución al fortalecimiento de la escuela dialectológica brasileña.

Palabras clave: Dialectología; Geolingüística; Dialectometría; Atlas Lingüístico de Paraná.

Introdução

A Dialectologia brasileira consolidou-se, ao longo do século XX, como uma das áreas mais fecundas dos estudos sobre variação. Os atlas linguísticos regionais, concebidos à luz do método geolingüístico, têm desempenhado papel central na sistematização de dados empíricos e na descrição das variedades regionais do português falado no Brasil. Entre esses projetos, o Atlas Linguístico do Paraná - ALPR, publicado no final do século passado, Aguilera (1994) e seu segundo volume no início do século XXI, o ALPR II, Altino (2007), configuram-se como momentos decisivos para a consolidação da Dialectologia no país, por sua inovação em suas edições, pelo uso dos dados coletados e pelas novas tecnologias utilizadas.

Mas, o leitor pode estar se perguntando o porquê de se fazer atlas linguísticos? Qual a sua finalidade? A quem serve tal empreitada? A diversidade linguística, consenso entre os estudiosos das línguas e notada pelos falantes em geral, tem servido para identificar e marcar geográfica e socialmente seus usuários. Das muitas variedades dialetais, a maioria das quais ainda não descrita cientificamente, emergem formas de preconceito consequentes do valor social que se atribuem aos diferentes modos de falar: é muito comum a observação de que as variedades linguísticas de menor prestígio são inferiores ou erradas. Essa

‘exigência’ linguística, do falar considerado correto pelos falantes em geral, ganha força à medida que as comunidades vão entrando em contato com a escola e o progresso. A cultura, antes regional e particular, isolada e com costumes uniformes e cristalizados, cedeu espaço à civilização universalista e urbana, com seus ‘novos’ hábitos. As comunidades, agora letradas e em contato constante com o mundo, por meio da mídia e das redes sociais, iniciaram uma nova era na comunicação humana, mais exigente e formal, por um lado e mais informal e distensa por outro. A migração, o contato entre as culturas, o menor ou o maior acesso à mídia e à escolaridade, entre outros fatores, fazem com que a língua também seja dinâmica e evolua. As mudanças diatópicas, diastráticas e diafásicas, porém, não se fazem de forma homogênea. Há comunidades em que, por diversas razões (culturais, geográficas), a evolução se faz mais lentamente, perpetuando ali hábitos linguísticos há muito abandonados por outras comunidades de fala. Por outro lado, há marcas no falar de uma comunidade que não se altera, perpetuando alguns traços linguísticos que se tornam a identidade de uma região.

Buscar as diferenciações regionais verificando as alterações sócio-históricas que cada comunidade apresenta e averiguar as diversidades geográficas na busca do retrato linguístico são metas que norteiam a Dialectologia. Esses objetivos estão presentes em atlas nacionais, regionais e de pequenos domínios, por possibilitarem o estudo da língua mais profundamente, por meio de um inventário linguístico verticalizado, reconstruindo as fases da língua e oferecendo subsídios para a constituição de um quadro sinótico da sua história.

A importância dos atlas, segundo Silva Neto (1957), reside na exatidão com que os dados coletados são trabalhados, fornecendo, além de uma visão panorâmica da língua, a possibilidade de se fazer seu inventário, a aculturação presente no espaço geográfico, o estudo da formação da língua e a sua história. Esses atlas podem oferecer materiais agrupados em esferas semânticas e mostrar a distribuição geográfica das palavras, podendo auxiliar, ainda, na reconstituição das fases da língua, fornecendo uma visão sincrônica e diacrônica ao mesmo tempo.

Dentro desta premissa, as pesquisas dialetais se iniciaram, buscando as realidades regionais, e culminaram na elaboração de atlas que demonstram de forma concreta essas diferenças. O primeiro deles foi o *Atlas Prévio dos Falares Baianos - APFB* (Rossi et al., 1963), seguido pelo *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - EALMG* (Ribeiro

et al, 1977), o *Atlas Linguístico da Paraíba - ALPB* (Aragão; Menezes, 1984), o *Atlas Linguístico de Sergipe - ALSE* (Ferreira, 1987), o *Atlas Linguístico do Paraná - ALPR* (Aguilera, 1994), o *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil - ALERS* (Koch; Klassmann; Altenhofen, 2002), o *Atlas Linguístico de Sergipe – ALSE II* (Cardoso, 2002) e o *Atlas Linguístico do Paraná – ALPR II* (Altino, 2007)¹; entre últimos, embora tenham sido publicado em 2002 e defendido em 2007, tiveram suas coletas de dados iniciadas em meados do século passado: o ALS obteve sua coleta de dados entre os anos de 1963 e 1964, o ALPR entre os anos 1985 e 1989 e do ALERS, entre os anos de 1989 e 1992.

Já no século XXI, a partir do advento do Projeto do Atlas Linguístico do Brasil - ALiB, a Geolinguística brasileira deu um salto em produtividade e, após a publicação do primeiro volume do ALiB (Cardoso, 2014a e 2014b), a área vive um momento de expansão, na abrangência dos estudos e nas metodologias aplicadas. De 1963, com APFB, à publicação dos primeiros volumes do ALiB, muito se publicou sobre a Dialetoologia nacional, principalmente sob o viés da Geolinguística (mono, bi ou pluridimensional). Modernamente, novas metodologias foram agregadas à investigação espacial do dialeto e as tecnologias de mapeamento de dados linguísticos incorporadas aos estudos dos dialetos viabilizaram maior fidelidade aos resultados quantitativos, permitindo ao pesquisador maior dedicação às análises qualitativas.

Este avanço metodológico foi aplicado ao segundo volume do ALPR (Altino, 2007). O corpus constituído para o Atlas Linguístico do Paraná, embora já tenha sido explorado por inúmeros pesquisadores e acadêmicos (de graduação e pós-graduação) das diversas áreas de estudo da linguagem, permaneceu parcialmente inexplorado dentro do método geolinguístico. As comunicações, artigos, dissertações (algumas citadas neste artigo) corroboraram a necessidade de sistematização e apresentação, em forma de cartas linguísticas, do corpus ainda inédito.

Neste artigo pretendemos discutir sobre os dois volumes de atlas paranaenses: de que forma diferem em sua metodologia para a cartografiação, para a anotação fonética e para a forma de organização das notas, chegando ao intento de unificação e digitalização

¹ O recorte temporal segue o primeiro atlas publicado até a defesa de doutorado de Altino, em 2007. Ao rol de atlas publicados até a data marco para este artigo, foram registramos o *Atlas Geo-Sociolinguístico do Pará – ALISPA* (Razky, 2004) e o *Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM* (Cruz, 2004).

das obras, bem como o acesso e a viabilização o estudo sistemático e científico da variação diatópica no Paraná. É intenção, ainda, discutir sobre o legado da publicação do ALPR, seu significado para os estudos de variação no Estado que passa pelo resgate e memória da produção dialetológica do século XX.

Desta forma, esse artigo tem como justificativa e motivação de disseminar os avanços para a concretização do volume unificado e reeditado do Atlas Linguístico do Paraná. Propõe-se a retomada das discussões de caráter metodológico que possam inovar/unificar a apresentação do registro dos dados coletados por Aguilera (1994) e cartografados por Altino (2007).

Desde o Congresso Internacional de Linguística de Haia (1928), quando se proclamou a necessidade de um Atlas Linguístico do Brasil, os estudos dialetológicos nacionais passaram a buscar respaldo metodológico em experiências europeias, como o *Atlas Linguistique de la France - ALF* (Gilliéron; Edmont, 1902-1910) e o *Atlas Linguístico-Etnográfico da Itália e da Suíça Meridional - AIS* (Jaberg; Jud 1928-1940) e pautaram-se nos estudos de Amaral (1920), Nascentes (1958; 1961), Silva Neto e Cunha (1957) e Houaiss (1960), que defenderam a criação de atlas regionais como etapas preparatórias para o Atlas Linguístico do Brasil.

Na esteira desse pensamento, sete atlas foram publicados e esses primeiros estudos dialetológicos em solo brasileiro trouxeram para a área reflexões sobre a necessidade de adaptação na metodologia utilizada na Europa que, sem dúvidas, se deparava com uma consolidação mais homogênea da população para o uso do vernáculo. O ALPR já reflete esta mudança de paradigma e é sobre ele que a seção seguinte discorre.

1. O Atlas Linguístico do Paraná (1994)

O ALPR, quinto atlas regional brasileiro, resultou de um amplo levantamento dos falares rurais do Paraná, realizado entre 1985 e 1989. Composto por cartas geolinguísticas, o volume abordou aspectos lexicais e fonéticos a partir de uma rede de 65 pontos de inquérito, utilizando metodologia inspirada em Nascentes (1958; 1961) e inseriu o Paraná no panorama nacional dos estudos geolinguísticos, oferecendo subsídios valiosos para a análise dos falares regionais do Sul do país.

No ALPR, Aguilera (1994) objetivou cartografar as variantes lexicais e fonéticas, a delimitação de isoglossas, além de organizar um glossário. Como resultado, a autora apresenta 191 cartas geolinguísticas, que contemplam – ao lado das cartas necessárias para a localização e informações relevantes à pesquisa – cartas sobre itens lexicais e aspectos fonéticos, acompanhadas de notas explicativas das variantes registradas; cartas de possíveis isoglossas que se podem traçar sobre a linguagem paranaense.

Aguilera verificou, por exemplo, a manutenção, no vocabulário ativo de falantes rurais, de unidades lexicais que são heranças do português peninsular quinhentista e do vocábulo de base tupi. A metodologia do ALPR foi norteadada pela Dialetoologia tradicional, postulada por Cunha e Silva Neto (1957) e por Nascentes (1958 e 1961) que, após algumas adaptações à realidade histórica e regional.

Quanto à escolha da Rede de Pontos, O Estado do Paraná, apesar de industrializado e bastante desenvolvido, conserva ainda lugares onde o progresso e a modernidade ou não conseguiram chegar ou se processam lentamente. Foram selecionadas 65 localidades no Estado, seguindo inicialmente as sugestões postuladas por Nascentes (1958) e feitas as adaptações “levando-se em conta fatores etno-geo-históricos de cada um, aí incluindo a data de fundação” (Aguilera, 1998, p. 108). As localidades foram numeradas de 1 a 65.

Como o instrumento de pesquisa foi elaborado questionário estruturado (lista de palavras) para a pesquisa dialetológica. Seu uso permite a homogeneização dos procedimentos de coleta de dados necessária à pesquisa dentro dos moldes científicos, restringindo os contextos de uso de determinados fonemas, por exemplo, ou permitindo a identificação do uso lexical. A elaboração do instrumento de coleta de dados para o ALPR foi norteadada pelo questionário do ALESP – *Atlas Lingüístico do Estado do São Paulo* (Caruso, 1983), adotado pela pesquisadora quanto ao elenco dos conceitos e ao modo de formulação das questões. Após testagem inicial, o questionário sofreu alterações com acréscimo e supressão de alguns itens, para chegar ao questionário definitivo utilizado nas entrevistas do ALPR, que ficou estruturado, com questões dos campos semânticos da Natureza e Homem.

Para a seleção dos informantes, estabeleceram-se critérios baseados em Nascentes (1958) e na Dialetoologia tradicional, como em Chambers e Trudgill (1994), identificados

como NORM (*nonmobile, older, rural male*)² e em que se acrescenta a necessidade de boa dicção, de saber responder com desembaraço, entre outros. Para o ALPR, além da dimensão diatópica, a recolha dos dados contemplou a dimensão sexual, entrevistando um homem e uma mulher em cada localidade. Em síntese, cada ponto linguístico, os informantes foram selecionados atendendo ao seguinte perfil:

a) nível de instrução: foram entrevistados informantes com baixa ou nula escolaridade, a fim de obter dados mantidos na fala dos moradores sem a influência direta da escola;

b) tempo de residência, profissão e relacionamentos: os informantes deveriam morar na localidade, preferencialmente desde o nascimento; ou ter vivido nela a maior parte de sua vida, se relacionar quase que integralmente com pessoas nascidas na localidade, ser ou ter sido agricultor, não ter viajado e, o homem, não ter feito o serviço militar;

c) faixa etária: de 30 a 60 anos; e

d) sexo: em cada localidade foram entrevistados, sistematicamente, um homem e uma mulher. A amostra é constituída de 130 informantes, dois em cada um dos pontos estudados, cujos dados pessoais constam das fichas dos informantes.

A metodologia utilizada foi a da entrevista estruturada com perguntas, em sua maioria, indiretas – método onomasiológico³, que abordavam questões linguísticas e as implicações sócio-históricas coocorrentes. Importa registrar que, a exemplo de outros atlas, quando não se obteve a resposta, a pesquisa previa o teste de identificação direta ao final da entrevista que foram realizadas, em sua maioria, na residência do informante. Em algumas delas, foi preciso recorrer a outros locais, tais como, salas na Prefeitura do município, no Departamento de Educação, e, por vezes, na casa do intermediário ou até mesmo locais ao ar livre.

² Posteriormente adaptado para os trabalhos brasileiros como HARAS (homem, adulto, rurícola, analfabeto e sedentário), por Zagari (1998).

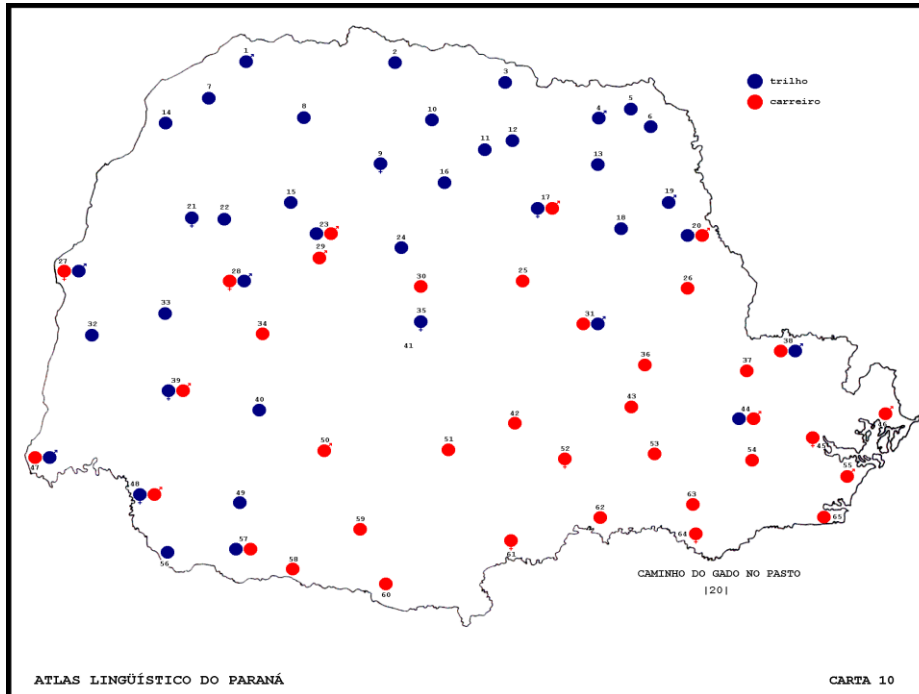
³ Segundo Câmara Jr. (1981, p. 182), o método de pesquisa onomasiológico “consiste em reunir as expressões de que dispõe uma língua para traduzir determinada noção”. No caso do questionário do ALPR, por exemplo, na questão 6, pergunta-se: pergunta-se “Como se chama aquela construção, feita de madeira ou cimento armado, que a gente usa para atravessar um rio de um lado para outro?”, para chegar ao registro das variantes para ‘ponte’.

Para a cartografia dos dados, foram selecionados os vocábulos com o maior número de ocorrências. A partir das transcrições ortográficas fez-se inicialmente “um levantamento de cerca de 250 vocábulos que apresentaram alguma variação, lexical ou fonética, significativa do ponto de vista dialetológico” (Aguilera, 1990, p. 145). Seguiu-se a essa primeira seleção, a composição de um rol de 146 vocábulos-tema. Para o acervo lexical, levaram-se em conta as cartas dos atlas até então publicados – Bahia, Sergipe, Minas Gerais e Paraíba, “com o fim de expor os temas coincidentes nas cartas do ALPR.” (Aguilera, 1990, p. 146). Para as cartas fonéticas, foram levantadas as prováveis mudanças fonéticas que servissem de embasamento para o estudo dos sons.

A apresentação das cartas no ALPR (1994) está assim sistematizada: i) cartas lexicais (1 a 92), foram selecionadas setenta questões, ii) cartas fonéticas (93 a 162), correspondendo a cinquenta e seis questões e iii) cartas isoglóssicas, ou sintáticas (163 a 191). As cartas (lexicais e fonéticas) foram apresentadas com as notas explicativas das variantes registradas. Antecedendo as cartas geolinguísticas, encontram-se as seguintes cartas: iv) do Paraná no Brasil; v) das microrregiões do estado; vi) dos pontos linguísticos e municípios sugeridos por Nascentes (1958, p.21); vii) dos pontos linguísticos do ALPR com o nome dos municípios; viii) da população em 1960 e 1980; e ix) do nome das entrevistadoras.

Para a representação das falas dos informantes, a autora adotou os símbolos universais para indicar os informantes masculino e feminino. Quando os dois informantes de uma localidade apresentavam a mesma resposta, registrou-se com o círculo, sem marcação de gênero, com a cor referente à variante. No canto superior direito da carta imprime-se a legenda em que são registradas as variantes obtidas em ordem de frequência (do maior para o menor número de ocorrências). O número da questão no questionário vem apresentado entre parênteses logo abaixo do nome da carta, que aparece no canto inferior direito. Além disso, do lado esquerdo está a identificação do atlas e, do lado direito, o número da carta. A carta 10 – Figura 1 – designações para o *caminho do gado no pasto*, apresentada a seguir, é um exemplo da cartografia utilizada no ALPR.

Figura 1: Carta 10 do Atlas Linguístico do Paraná - ALPR



Fonte: Aguilera, 1994, p. 43.

No verso da carta, estão dispostas as notas sobre a variação fonética ou lexical registradas nas respostas dos informantes. Aguilera, 1994, p. 42, declara:

Esta carta registra a variação entre trilho e carreiro como resposta ao ‘nome do lugar, no meio do pasto, por onde os animais sempre passam e até fica afundado’. Quanto à variação fonética de trilho só se registrara a síncope ou não do [], sem se deter no alçamento da vogal posterior e na expansão ou não da vogal anterior; quando se tratar de carreiro, registrar-se-á com a monotongação correspondente.

02 (inf. A) : “ali, nói fala o trio”.

04 (inf. B) : “passage... no pasto? ... ah, é o trio do gado passá”.

05 (inf. B) A resposta completa foi: “eu conheço pelo trio (...) trilhage do gado”.

06 (inf. A) : “trio... triozim queis [= que eles] fala”.

10 (inf. A) : “eu chamo de trio fundo”.

12 (inf. A) : “ah, nós fala trio, né [onde o] gado passa”.

14 (inf. A) : “cus [= que os] animal passa? Bom, eu chamo, eu conheço trio do ga(do) dos animar”.

15 (inf. B) : “é, n é, é trio, né, trio das vaca”.

16 (inf. B) : um trio”. Para ‘outro nome’: ‘on(de) tem a pegada queles [= que eles] faiz, usa falá também por aqui pegada, trio.

2. O Atlas Linguístico do Paraná – ALPR II (2007)

Os documentos coletados por Aguilera (1985 – 89), armazenados em forma de gravação e material escrito, têm servido de fonte de dados para diversas pesquisas científicas na Universidade Estadual de Londrina, desenvolvidas por alunos de graduação e de pós-graduação - *lato e stricto sensu*. Porém, boa parte desse *corpus* ainda não havia sido sistematizada e apresentada para o acesso à comunidade em geral. O segundo volume do ALPR teve como meta sistematizar os dados coletados e disponibilizá-los em formato de atlas. Peça fundamental para a execução do trabalho desenvolvido, os procedimentos metodológicos, de cunho descritivo, consistem no registro dos dados já coletados por Aguilera (1985 – 89), e seguiram as etapas apresentadas: a) seleção das questões, ou seja, o recorte do *corpus*; b) a revisão das entrevistas; c) a apresentação das cartas; d) o tratamento dos dados.

Quanto à seleção das questões para a composição do *corpus* a ser cartografado, o segundo volume apresenta a cartografia de 52% dos dados, ou seja, 169 questões contempladas. Além disso, Souza (2005) cartografou e analisou 7 questões em sua dissertação de mestrado e 18 questão inviabilizam a cartografia⁴. Sobre as entrevistas realizadas para a constituição do *corpus* do ALPR, buscou-se o resgate do material fonográfico que conta com os originais em fitas K7 e cópias em MD e, mais recentemente, com cópias digitalizadas pelo Laboratório de Tecnologia Educacional (Labeted/UEL). Duas localidades, devido ao grande manuseio do material, tiveram suas fitas originais extraviadas, é o caso de Diamante do Norte (ponto 1) e Cambará (ponto 5). As demais

⁴ Algumas questões não foram cartografadas por serem questões abertas e / ou não permitirem a sistematização necessária para a organização dos dados. São elas: 001 – Tipos de terreno; 058 – meses do ano; 082 – Qualidades de mamão; 083 - Qualidades de limão; 097 – outros temperos para comida; 132 – Variedades de cobras; 149 – Variedades de peixes; 277 – Qualidades de arroz; 282 – Qualidades de milho; 289 – Qualidades de café; 293 – Qualidades de feijão; 301 – cavadeira (variedades). Também as questões de 319 a 325 - narrativas de experiências pessoais e lendas – não foram cartografadas nem no ALPR (1994) nem no ALPR II (2007). Isso não inviabiliza, contudo, o seu estudo em trabalhos monográficos, por exemplo, que possam buscar outras metodologias adequadas aos objetivos traçados. Essas questões são ricas, tanto para o estudo dialetológico quanto para o sociolinguístico, por exemplo, e devem ser tratadas de forma mais exaustiva em estudos específicos. Um exemplo é o trabalho “O baetátá existe realmente?” (AGUILERA, 2004b) que analisa algumas narrativas orais do *corpus* do ALPR, sobre a lenda do boitatá ou a crença no baetátá registradas na questão 319 - Boitatá / baetátá (O senhor conhece alguma história sobre boitatá). Outro trabalho é o de Aguilera e Santos (2005b) que analisou as respostas obtidas na questão 320 - Caipora / capora (O senhor conhece alguma história sobre caipora?).

gravações encontram-se no acervo sonoro da sala 169, do Instituto de Referência – IR – do Centro de Letras e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Londrina. Passados quase 20 anos da coleta de dados feita para a constituição do *corpus* para o ALPR, o estudo dos dados coletados anteriormente à consecução do segundo volume faculta possibilidades que o diferenciam da primeira edição do Atlas.

Quanto à revisão das entrevistas, foram realizadas a audição dos áudios, que observou também o estado de conservação das gravações originais. Esse material, além de fornecer subsídios para a pesquisa em diversos projetos, um futuro banco de dados, formado pelas entrevistas realizadas por ocasião da coleta de dados para o ALPR, deverá oferecer, aos estudantes e pesquisadores da língua portuguesa, um instrumento de acesso sobre a linguagem rural paranaense, divulgando o conteúdo das entrevistas realizadas para a constituição do corpus para o ALPR.

Para as cartas, a exemplo do ALPR (1994), há a apresentação das informações semântico-lexicais, fonético-fonológicas e ocorrências únicas sobre as variantes registradas nos 65 pontos de estudo, elaboradas em programa informatizado. A utilização da tecnologia para a elaboração de cartas linguística, atualmente, é algo incorporado nas práticas da área. Manteve-se a sistematização da cartografia dos dados: disposição dentro da carta, símbolos para designar os informantes (homens e mulheres), e seguindo o modelo apresentado por Cardoso (2005) no segundo volume do Atlas Linguístico de Sergipe – ALSE II⁵ com a indicação dos maiores rios do estado, o gráfico de frequências de respostas de homens e mulheres e a escala geográfica. O volume de cartas ficou, assim, sistematizado: cartas introdutórias, 125 cartas lexicais e 50 fonéticas referentes às questões inéditas do corpus coletado para o Atlas Linguístico do Paraná (1994). As cartas desse volume são mistas, ou seja, assinala-se a resposta com um símbolo próprio a cada variante. (Montes Giraldo, 1987, p. 106).

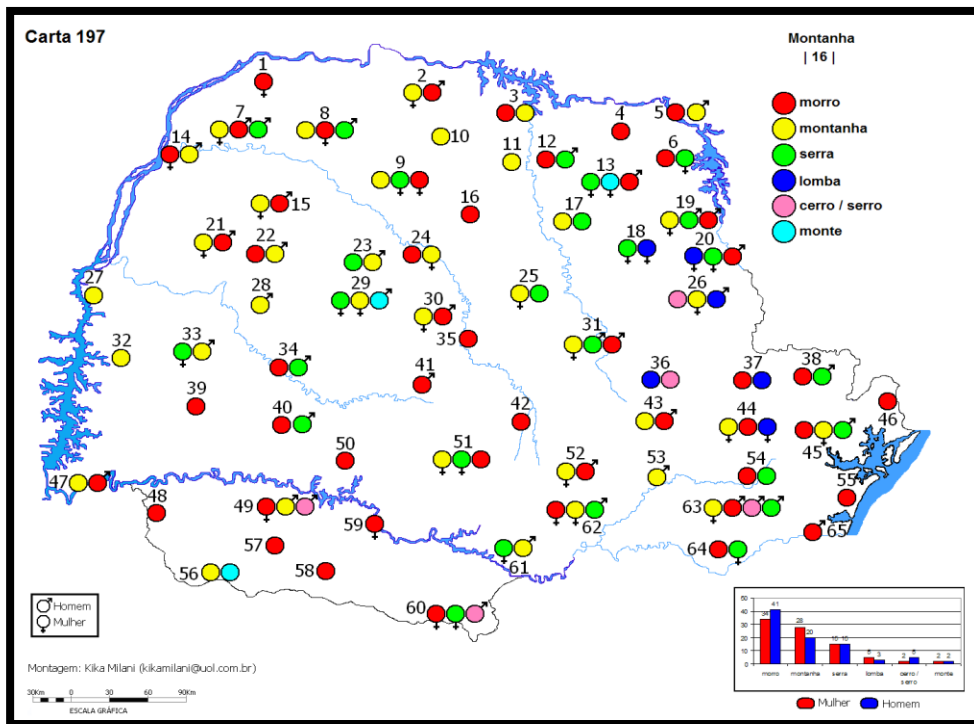
Em cada carta, os dados estão dispostos da esquerda para a direita, informando: i) número da carta a que se referem os dados; ii) título correspondente ao conceito estudado; iii) número da questão elaborada para o questionário; iv) dados coletados dispostos em cada localidade, de acordo com as respostas dos informantes; v) legenda: os itens (lexicais ou fonéticos) constantes da legenda estão em ordem de frequência representados nas cores:

⁵ O ALERS tem uma apresentação visual semelhante ao do ALSE II.

vermelha para a maior frequência e, progressivamente, amarela, verde, azul, rosa e azul claro; vi) os itens são apresentados com os mesmos símbolos utilizados na cartografiação do ALPR (1994): símbolos universais para os informantes masculino e feminino; vii) a escala geográfica de 1 : 3 000 000; e viii) gráfico de produtividade das ocorrências por homens e mulheres.

A carta 197 – Figura 2 – do ALPR II, serve de exemplo da cartografiação dos dados para o segundo volume.

Figura 2: Carta 197 – Montanha - Atlas Linguístico do Paraná – ALPR II

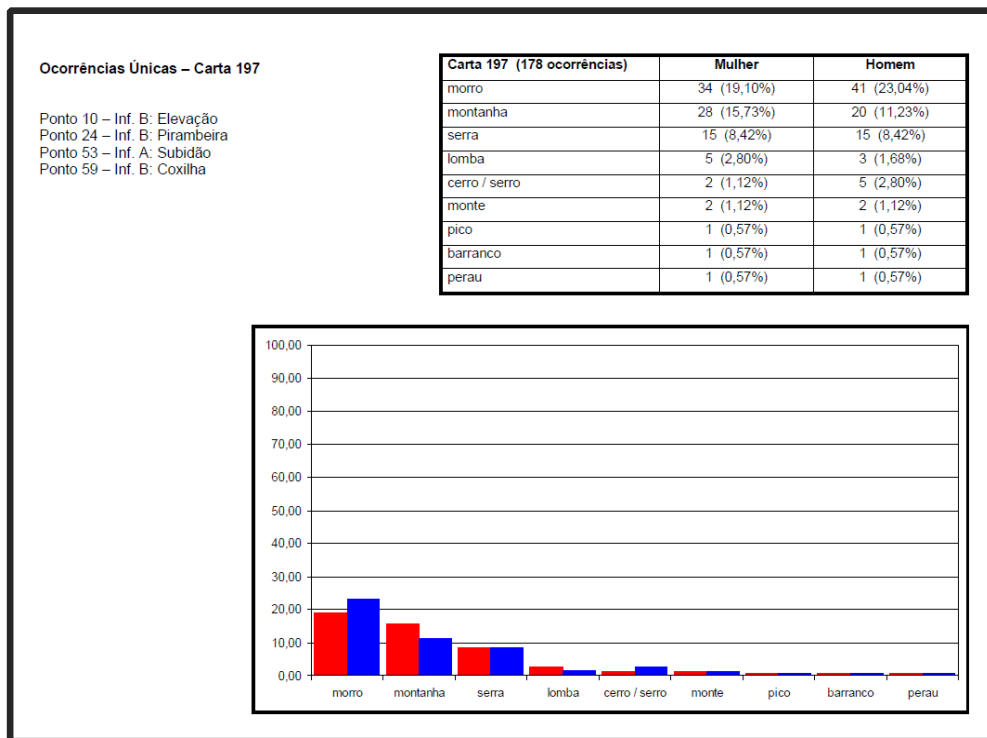


Fonte: Altino, 2007, vol.2, p. 33.

É preciso informar ainda que, os espaços vazios indicam que a questão não foi formulada, ou que não se obteve resposta ou, ainda, que houve ocorrência única que, embora não cartografada, encontra-se registrada no verso das cartas anteriores a que

corresponde. A figura 3 apresenta do verso da carta 197 – Montanha. As respostas únicas estão apresentadas com o número do ponto linguístico, o informante (A) para as mulheres e (B) para os homens, gráfico de produtividades em porcentagem das variantes registradas e tabelas das ocorrências, segundo a variável sexo, utilizando a cor azul para marcar os dados fornecidos pelos homens e a cor vermelho para as mulheres.

Figura 3: Verso da Cartas Linguística 197 – Montanha – ALPR II



Fonte: Altino, 2007, vol. 2, p. 34.

O levantamento feito a partir das cartas léxico-semânticas permitiu organizar a apresentação do universo vocabular para as respostas obtidas às questões selecionadas para

o ALPR II, apresentado por meio de um vocabulário das cartas. Os 935 verbetes são apresentados segundo os padrões adotados para o ALPR.

3. A implementação da Dialetometria

A aplicação do método geolinguístico, associada ao tratamento dialetométrico, oferece uma via analítica adicional para a interpretação do corpus dialetológico. Os dados léxico-semânticos do ALPR foram examinados segundo a teoria dialetométrica, possibilitando identificar fatores responsáveis por padrões de variação e mudança linguística. Ao quantificar as semelhanças e diferenças entre pontos de inquérito, a Dialetometria não apenas complementa a análise qualitativa tradicional, mas também introduz maior precisão descritiva, contribuindo para uma renovação epistemológica da Dialetologia brasileira e aproximando-a de abordagens contemporâneas da Linguística.

Nesse enquadramento, os dados dialetológicos, tanto da geolinguística tradicional quanto da pluridimensional, são mobilizados de maneira integrada. Enquanto a Dialetologia clássica se limita à representação das áreas linguísticas, a Dialetometria, desenvolvida por Séguy (1973) e aprimorada por Goebel (1981), quantifica distâncias e identidades dialetais por meio dos índices IRD (índice relativo de distância) e IRI (índice relativo de identidade), calculados a partir das relações interpontuais. Essa operacionalização amplia a robustez dos resultados, reduz subjetividades interpretativas e permite uma visualização espacial mais fina dos gradientes dialetais.

Para o estudo dos falares paranaenses, foram selecionados 209 dos 325 conceitos investigados, excluindo-se itens cuja natureza inviabilizava tratamento estatístico⁶. As respostas dos informantes nos 65 pontos do ALPR foram codificadas numericamente, gerando uma base de dados binária que permitiu quantificar co-identidades e co-diferenças.

⁶ Foram suprimidas as questões que contemplavam respostas abertas – lendas, superstições e narrativas pessoais (7 questões); questões que continham respostas não verificáveis, isto é, questões do instrumento de coleta de dados que não permitiam a observação imediata e irrefutável do referente. Por exemplo: Quais os tipos de terreno que o(a) Sr.(a) conhece? e Quais os tipos de milho que o(a) sr(a) conhece? (16 questões); e as com respostas com denominação única para o referente, como na questão 156 para as denominações para Cabeça: Como se chama essa parte aqui? (Apontar) (93 questões).

O controle da taxa de não resposta, seguindo parâmetros de Goebel, reforça a confiabilidade dos índices produzidos.

Os interpontos, definidos por contiguidades, serviram de base para o cálculo das médias, para a intervalação dos valores e para a construção da matriz simétrica utilizada na cartografia dialetométrica. A representação visual dos índices ocorre em dois suportes propostos por Goebel (1983, 1987) o *parquet triangulaire*, que evidencia as relações de identidade, e o *parquet polygonal*, formado por polígonos de Thiessen, que mostra as relações interpontuais de vizinhança. A adoção desses modelos permite uma leitura espacialmente contínua dos dados, reduzindo a fragmentação típica dos atlas linguísticos tradicionais. A relevância da Dialectometria reside, portanto, em sua capacidade de conferir rigor quantitativo à análise dialetológica, tornando explícitos os graus de proximidade e afastamento entre variedades, refinando a interpretação dos mapas linguísticos e fortalecendo o diálogo entre métodos qualitativos e quantitativos na pesquisa geolinguística.

Como resultados da análise dialetométrica dos dados do Atlas Linguístico do Paraná - ALPR, sintetizados nas cartas 367 - IRD – Índice Relativo de Distância e 368 - IRI – Índice Relativo de Identidade, em que os 148 atributos selecionados foram quantificados e projetados cartograficamente, permitindo visualizar, de forma graduada, as diferenças e afinidades lexicais entre os pontos investigados. A carta 367 (IRD) evidencia 72 interpontos acima da média geral de distância e 81 abaixo dela, revelando áreas de maior divergência linguística, como a microrregião de Marechal Cândido Rondon, cuja configuração populacional sugere um relativo isolamento linguístico. Em contraste, a carta 368 (IRI) apresenta zonas de forte identidade lexical, especialmente no noroeste e centro-oeste do estado, bem como em municípios cuja colonização ocorreu de modo homogêneo, como Francisco Beltrão e seus circunvizinhos.

A interpretação dos mapas dialetométricos é articulada à história da ocupação territorial do Paraná, desde as primeiras ondas povoadoras dos séculos XVI e XVII até os intensos fluxos migratórios dos séculos XIX e XX, demonstrando que os padrões dialetais observados refletem, em grande medida, a constituição étnica e a trajetória demográfica das regiões: presença de colonos paulistas e mineiros no norte pioneiro, imigrantes europeus no centro-sul, e forte influência sulista e teuto-italiana no oeste. Assim, a

Dialetometria, ao quantificar identidades e distâncias lexicais, confirma e detalha a relação entre história do povoamento e variação linguística no estado, fornecendo evidências empíricas que enriquecem a interpretação geolinguística tradicional e contribuem para uma compreensão integrada dos falares paranaenses.

4. Modernização e digitalização do acervo

Com o objetivo de preservar, uniformizar e disponibilizar digitalmente os dados dos dois volumes propõem-se, neste momento, a uniformização da transcrição fonética, a digitalização do acervo e a criação de um site interativo para difusão das cartas linguísticas e dialetométricas.

Embora os dados já estejam cartografados, as duas edições do ALPR não estão disponíveis ao grande público, em primeiro lugar porque o volume publicado em 1994 é físico, publicado em A3 em um exemplar que pesa 4 quilos. Seu manuseio e transporte é difícil. Como segundo obstáculo, o volume II é fruto de tese de doutoramento e não foi publicado nos moldes de um atlas linguístico convencional. Para o volume unificado, os dados serão revisados e transcritos em planilhas, tratados e transferidos para ferramenta computacional que possibilita a criação de relatórios e cartas linguística geradas a partir de banco de dados. Para a elaboração de cartas linguísticas em ferramenta computacional permite a apresentação de dados lexicais e fonéticos em cartas sintéticas que proporcionam melhor visibilidade e confiabilidade dos dados trabalhados, cartas de arealidade que demonstram a cobertura territorial de uma variante ou onde as variantes se cruzam. Da mesma forma a arealidade gradual, apresenta o gradiente desta variação.

Além disso, é intenção a continuidade dos estudos dialetométricos. As cartas são constituídas por análises estatísticas de dados coletados pela geolinguística e permite abordar de maneira mais acurada uma quantidade de dados, auxiliando na obtenção de uma visão geral da variação geográfica das línguas. Os dados coletados para o Atlas Linguístico do Paraná foram tratados à luz da Dialetometria, mas com uma metodologia do início dos estudos na área. Hoje, programas computacionais, como o DiaTech (Aurrekoetxea et al, 2013) e o Visual DialectoMetry (Goebel, 2022), alimentados por planilhas e tabelas com os dados dos inquéritos, geram cartas mais precisas e com melhor visibilidade dos dados. A

reapresentação dos dados coletados para a consecução do ALPR faculta a possibilidade de novos alcances, pelo suporte tecnológico que viabilizará o volume integral dos dados coletados, tanto em e-book, quanto impresso.

5. Conclusões

Os dois volumes do Atlas Linguístico do Paraná representam, portanto, dois momentos distintos e complementares da Dialetologia nacional. O primeiro, fundamentado na tradição geolinguística clássica, marca a consolidação do método e da escola paranaense de dialetologia. O segundo, ao incorporar a Dialetometria e metodologias digitais, projeta a área para um novo estágio científico, alinhado às tendências internacionais. Ambos os volumes evidenciam o compromisso da Dialetologia com o registro, a análise e a preservação das variedades regionais do português brasileiro.

O estudo do ALPR e do ALPR II permite compreender a trajetória da Dialetologia brasileira do ponto de vista metodológico e institucional. Enquanto o primeiro volume reflete a consolidação do método geolinguístico, o segundo inaugura a aplicação sistemática da Dialetometria no país, estabelecendo um diálogo entre tradição e inovação.

O projeto de modernização e digitalização do acervo, por sua vez, garante a perenidade e o acesso público aos dados, reafirmando o papel do Paraná como centro de referência em Geolinguística. Assim, ALPR e ALPR II constituem não apenas registros de falares regionais, mas verdadeiros marcos do desenvolvimento científico da Dialetologia brasileira contemporânea. Seguimos com o pensamento de Nascentes

Paciência. Nosso trabalho não é para a geração atual; daqui a cem anos, os estudiosos encontrarão nele uma fotografia do estado da língua e neste ponto serão mais felizes do que nós que nada encontramos do falar de 1822. (Nascentes, 1953, p.16)

Referências

AGUILERA, V. de A. *A Geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: EDUEL, 1998.

AGUILERA, V. de A. *Atlas Linguístico do Paraná – ALPR*. Curitiba: Imprensa Oficial, 1994.

AGUILERA, V. de A. *Atlas Lingüístico do Paraná*. Tese (Doutorado). Assis – SP, 1990.

ALTINO, F. C. *Atlas Linguístico do Paraná II – ALPR II*. 2 v. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.

AMARAL, A. *O dialeto caipira*. São Paulo: Hucitec, 1920.

ARAGÃO, M. do S. S.; MENEZES, M. das G. *Atlas Linguístico da Paraíba – ALPB*. João Pessoa: UFPB, 1984.

AURREKOETXEA, G.; FERNANDEZ-AGUIRRE, K.; RUBIO, J.; RUIZ, B.; SANCHEZ, J. “DiaTech: A new tool for dialectology”. *Literary and Linguistic Computing*, New York, 28-1, pp. 23-30, 2013.

CÂMARA JR, J. M. *Dicionário de lingüística e gramática*. Petrópolis – RJ: Vozes, 1981.

CARDOSO, S. A. M. *Atlas Linguístico de Sergipe II – ALSE II*. Aracaju: UFS, 2005.

CARDOSO, S. A. M. et al. *Atlas Linguístico do Brasil – ALiB*. v. 1 – Introdução. Londrina: EDUEL, 2014a.

CARDOSO, S. A. M. et al. *Atlas Linguístico do Brasil – ALiB*. v. 2. Cartas Linguísticas. Londrina: EDUEL, 2014b.

CARUSO, P. *Atlas Linguístico do Estado de São Paulo – ALESP - Projeto*. São Paulo: s/ed., 1983.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. *Dialectology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

CRUZ, Maria Luiza de Carvalho. *Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM*. 2004. 159 fls. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

CUNHA, C.; SILVA NETO, S. *Estudos de Dialectologia*. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1957.

FERREIRA, C. R. *Atlas Linguístico de Sergipe – ALSE*. Aracaju: UFS, 1987.

GILLIÉRON, J.; EDMONT, E. *Atlas Linguistique de la France – ALF*. Paris: Champion, 1902–1910.

GOEBL, H. *Eléments d'analyse dialectométrique avec application à l'Als, Revue de Linguistique Romane*, tome XLIV, Strasbourg, 1981, pp. 349-420.

GOEBL, H. *Parquet polygonal et treillis triangulaire: les deux versants de la dialectométrie interponctuelle, Revue de Linguistique Romane*, tome XLVII, Strasbourg, 1983 pp. 353-412.

GOEBL, H. *Points chauds de l'analyse dialectométrique : pondération et visualisation. Revue de Linguistique Romane*, tome LI, 1987, pp. 63 – 118.

GOEBL, H. Un Nouveau Rejeton de L'«École Dialectométrique de Salzbourg»: brève présentation du mode «Beta» de la dialectométrie de Salzbourg. In: AGUILERA, V. de A.; ALTINO, F. C.; RAMOS, C. de M. de A. Estudos Dialetais Brasileiros e Europeus: uma homenagem a João Saramago - Volume 1 – Estudos Fonéticos e Dialetométricos. Campo Grande: Editora UFMS, 2022.

HOUAISS, A. *Estudos e notas sobre a língua portuguesa*. Rio de Janeiro: MEC, 1960.

JABERG, K.; JUD, J. *Sprach- und Sachatlas Italiens und der Südschweiz – AIS*. 1928–1940.

KOCH, W.; KLASSMANN, M.; ALTENHOFEN, C. *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS*. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

MONTES GIRALDO, J. J. *Fonética y Fonología Españolas*. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1987.

NASCENTES, A. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: MEC, 1953.

NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1961.

NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1958.

RAZKY, A. *Atlas Geo-Sociolingüístico do Pará – ALISPA*. Belém/PA/CAPES/UTM, 2004. CD-Room.

RIBEIRO, J. et al. *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais – EALMG*. Belo Horizonte: UFMG, 1977.

ROSSI, N. et al. *Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB*. Salvador: UFBA, 1963.

SÉGUY, J. La dialectométrie dans l'Atlas Linguistique de la Gascogne. *Revue de Linguistique Romane*, 1973.

SILVA NETO, S. *Introdução ao estudo da etimologia portuguesa*. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1957.

SOUZA, S. *Medicina caseira paranaense: um estudo geolingüístico*. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Londrina, 2005.

ZÁGARI, M. R. L. Os falares mineiros: esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, V. de A. (Org.). *A geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: EDUEL, 1998. p. 31-77.

Conflito de interesse:

A autora declara que não possui interesses financeiros ou relações pessoais que possam ter influenciado o trabalho relatado neste artigo.

Declaração de disponibilidade dos dados da pesquisa:

Os dados já foram publicados nos volumes I, em Aguilera (1994) – Atlas Linguístico do Paraná – pela Imprensa Oficial do Estado e II, em Altino (2007) – Atlas Linguístico do Paraná II – na tese de doutoramento disponível em <https://repositorio.uel.br/handle/123456789/10711>.

Comitê de Ética:

Como se trata de pesquisa realizada na década de 1980, os dados desta pesquisa que compõem o Atlas Linguístico do Paraná, em seus dois volumes, não foram submetidos ao Comitê. Para a sua composição, todos os dados pessoais foram omitidos, sendo utilizados apenas as categorias selecionadas para o atlas (A – para mulheres, B – para homens; as localidades foram numeradas, todos os informantes tinham a mesma faixa etária e escolaridade). Sendo assim, não foram expostos os dados dos informantes, permanecendo a amostra anonimizada.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.